

APRESENTAÇÃO

Adilson Santos (UEL)

Fabio Pierini (UEM)

Maria Cristina Batalha (UERJ)

O presente volume da Revista *Abusões* traz à tona textos que apresentam obras que, se não estiverem imersas, flertam com o sobrenatural surgido do conflito entre percepção e consciência, o desencadeador elementar para o sentimento do inquietante (*Unheimliche*) descrito e analisado por Freud há cem anos. É por essa razão que iniciaremos nosso percurso com o artigo de Lenice Alves Soares, que comenta resumidamente a obra aqui homenageada, mostrando sua pertinência para, ainda hoje, estudarmos a narrativa fantástica, bem como as demais vertentes do insólito ficcional.

Em seguida, são examinados três autores bastante lembrados quando das discussões sobre o inquietante, especificamente por sua capacidade de nos fazer questionar se suas narrativas carregam de fato a marca do sobrenatural: Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e o grande iniciador de toda esta discussão, E.T.A. Hoffmann. No que diz respeito a Poe, Elaine Indrusiak e Amanda Leonardi de Oliveira, além de reafirmarem o diálogo entre o conceito de Freud e a literatura, tratam da própria teoria de Poe sobre a natureza segmentada da mente humana e o quanto a perversão e o inquietante nos permitem esclarecer a obra de Poe.

Com relação a Maupassant, Jorge de Azevedo Moreira parte do confronto entre mentalidade arcaica e positiva para demonstrar que o

duplo está consideravelmente relacionado às narrativas do século XIX. Dessa forma, o duplo seria um signo da crise da consciência individual, pois a realidade ter-se-ia tornado insustentável, ameaçadora e mesmo apavorante. Já o artigo de Lucas Henrique da Silva contempla o motivo do boneco em três momentos da obra de Hoffmann, levantando a questão do brinquedo e do elemento infantil: não apenas aquilo que deveria estar vivo (mas não está) apavora e inquieta, como aquilo que se parece vivo apesar de não estar – mesmo em se tratando de um desejo, delírio ou fantasia do observador.

E o que seria do inquietante e do duplo sem o espelho – mesmo que apenas no sentido conotativo? André Ghetí César nos traz uma análise do conto “O espelho”, de Gastão Cruls, cujo ponto central é o duplo interior, em que se confrontam oposições inconciliáveis, como a espiritualidade e a corporeidade, propondo que, independentemente do fato de o “estranho” ser próximo e familiar, a emersão do outro nunca se dá sem preconceitos nem conflitos. Ainda na questão do espelho, Ramiro Giroldo e Carla Larissa dos Santos de Souza remetem ao sentido primordial do duplo, o qual depende do confronto com o outro para compreender sua própria natureza, visto que a ambientação e atmosfera góticas do conto “O intruso” de H.P. Lovecraft trazem à tona a inquietação provocada pelo jogo ficcional do familiar com o desconhecido.

No tocante ao gótico, já mencionado anteriormente, Elizabete Simões Lopes e Fabian Quevedo da Rocha contribuem respectivamente analisando as obras de Thomas Ligotti e Neil Gaiman. Segundo Lopes, os contos de Ligotti carregam uma desconstrução do real: a realidade seria uma máscara que oculta a verdadeira hostilidade e sinistro que assombram o ser humano

– a descoberta dessa “verdadeira realidade” desestabilizaria os personagens a ponto de arruinar seu senso de si próprios (*sense of selves*). Em contrapartida, o artigo de Rocha, ao explorar o romance *The Ocean at the end of the Lane*, chama nossa atenção para as narrativas “multicamadas” de Gaiman, técnica narrativa que permite maior variedade de interpretações de sua mensagem, desde o fantástico até o realista. Nesse sentido, o caminho adotado pelo leitor neste romance estaria atrelado à resposta à seguinte questão: Estaríamos diante de uma realidade sobrenatural ou da metaforização de uma infância traumática por meio de elementos do gótico?

Para encerrar este volume, dois artigos que confrontam a autoridade do registro sobre o real, seja na oficial documentação histórica, seja na figura da matriarca que, com sua palavra, determina qual é a verdadeira interpretação que se deve atribuir a um acontecimento, fazem-se presentes. Cláudia Fernanda de Campos Mauro e Vanessa Matiola apresentam a angústia vivida pelos personagens de Dino Buzzatti em “Eppure battono alla porta”, encurralados entre a experiência de uma presença cada vez mais perceptível pelos seus próprios sentidos, mas sistematicamente negada pela autoridade da mãe, que nega o perigo iminente, solapando o conceito de real do resto da família. Longe do sobrenatural propriamente dito, mas dentro do demasiado humano, já Rodrigo Freitas Faqueri nos desvela os horrores de um passado que não se cala, por atingir profundamente cada ser humano que sabe o que é ter seu direito de acesso à realidade negado. Embora sem traços de sobrenatural, o romance *El material humano*, de Rodrigo Rey Rosa, lida, segundo Faqueri, com o inquietante de

forma a aproximar a capacidade de se colocar no lugar de uma vítima da violência do Estado a ponto de não poder mais sair deste lugar, sendo assombrado pelas leituras dos registros históricos da Polícia Nacional Guatemalteca.

Agradecemos a contribuição dos pesquisadores cujos textos estão aqui presentes, esperando que tenham aberto novas perspectivas de abordagem do conceito de *Unheimliche*, sugerindo críticas e estimulando novos desdobramentos de pesquisa sobre um assunto particularmente importante para os estudos do Fantástico.

Esperamos que essas realidades não perturbem as de vocês somente por serem inquietantes, mas porque a experiência humana, embora diversa, parte do ponto em comum em que o real nem sempre é aquilo que costumamos esperar dele: afinal, o que há por trás da realidade perceptível?

Boa leitura.

Os Editores.